

Questão sobre a “Apologia de Sócrates” de Platão para a prova de filosofia do exame de seleção ao mestrado do PPGFIL 2020, de acordo com o item 3.3.7.1. do Edital.

Enunciado: restitua a partir de seus elementos principais o desenvolvimento da resposta do personagem Sócrates à acusação que lhe foi dirigida—“feita mais ou menos nestes termos: ‘Sócrates é culpado de corromper a juventude e de não crer nos deuses em que crê a cidade, mas em divindades novas’” (*Apologia* 24b)--, indicando porque as razões por ele alegadas se prestam também a uma defesa da filosofia e da vida filosófica.

Gabarito:

Primeira instância da resposta de Sócrates, dirigida à “opinião pública”.

Mérito: condução de investigações sobre o divino em moldes naturalizados e admissão, em seu curso, dos piores argumentos em detrimento dos melhores, sempre em nome de uma pretensa sabedoria.

Réplica: respectivamente, quem procede assim são, por um lado, Anaxágoras e seus seguidores e, por outro, Eveno, Górgias, Pródico e Hípias, com os quais não cabe confundir Sócrates. Porque? Exatamente por força de sua relação com os deuses e o divino, objeto da segunda acusação. Desde a divulgação do proferimento do oráculo —“não havia ninguém mais sábio que Sócrates” (*Apologia* 21a)—a ocupação do personagem passou a ser o exame daqueles a quem costumeiramente se atribui alguma sabedoria, visando a provar que, ao contrário do que foi dito pela Pítia, muitos seriam mais sábios do que ele. Assim, em respeito a uma injunção divina—o que, por si, já destituiria a segunda acusação—, examinam-se e refutam-se sucessivamente as pretensões dos políticos, dos poetas e dos artífices quanto à sabedoria que possuiriam. Fica confirmado que Sócrates é o mais sábio, embora sua sabedoria consista, exatamente, em que ele nada sabe, ao menos sobre as questões que verdadeiramente importam.

Ora, uma tal relação com os deuses rebate o espírito da acusação principal—ateísmo—invalidando por consequência a outra—corrupção.

Segunda instância da resposta de Sócrates, dirigida aos acusadores presentes no tribunal, Ânito, Meleto e Lícon.

Mérito: faz sentido, ainda, sustentar que um que seja e aja tal como Sócrates acabou de ser descrito possa ser considerado um corruptor da juventude?

Réplica: Não, pois é justamente o ensino e o aprendizado da virtude que o ocupam, e tais atividades só serão levadas adiante como se deve se se obtiver para elas sustentação filosófica bastante. Além disso, a formulação da segunda acusação é inconsistente, viciada por uma contradição: se Sócrates não acredita nos deuses, não resta explicação possível para sua relação com o seu daimon, reconhecida por todos os presentes—do que se seguiria que “Sócrates é culpado por não acreditar nos deuses e, por outro lado, por acreditar nos deuses” (*Apologia* 27a).

Consequências: “viver filosofando, examinando-me a mim próprio e aos outros” (*Apologia* 28a) aparece como a única alternativa viável para a conquista de uma vida digna de ser vivida, pois impede “julgar que se sabe o que não se sabe” (*Apologia*, 29a). Mas isto implica que o caso diante do tribunal não se restringe à personagem, podendo ser estendido a qualquer um envolvido na prática por ele descrita—isto é, no debate condicionado pela busca das melhores razões e na prestação de contas sobre se se vive ou não em acordo com tais razões, fulcro de uma vida filosófica autêntica.